

Candangos

JORGE HENRIQUE CARTAXO* | *jorgehenrique.cartaxo@gmail.com*
ESPECIAL PARA O CORREIO

UnB: brasileiros, história e saber

"Quem não precisa da cidade ou é uma fera, ou é um deus"
Aristóteles

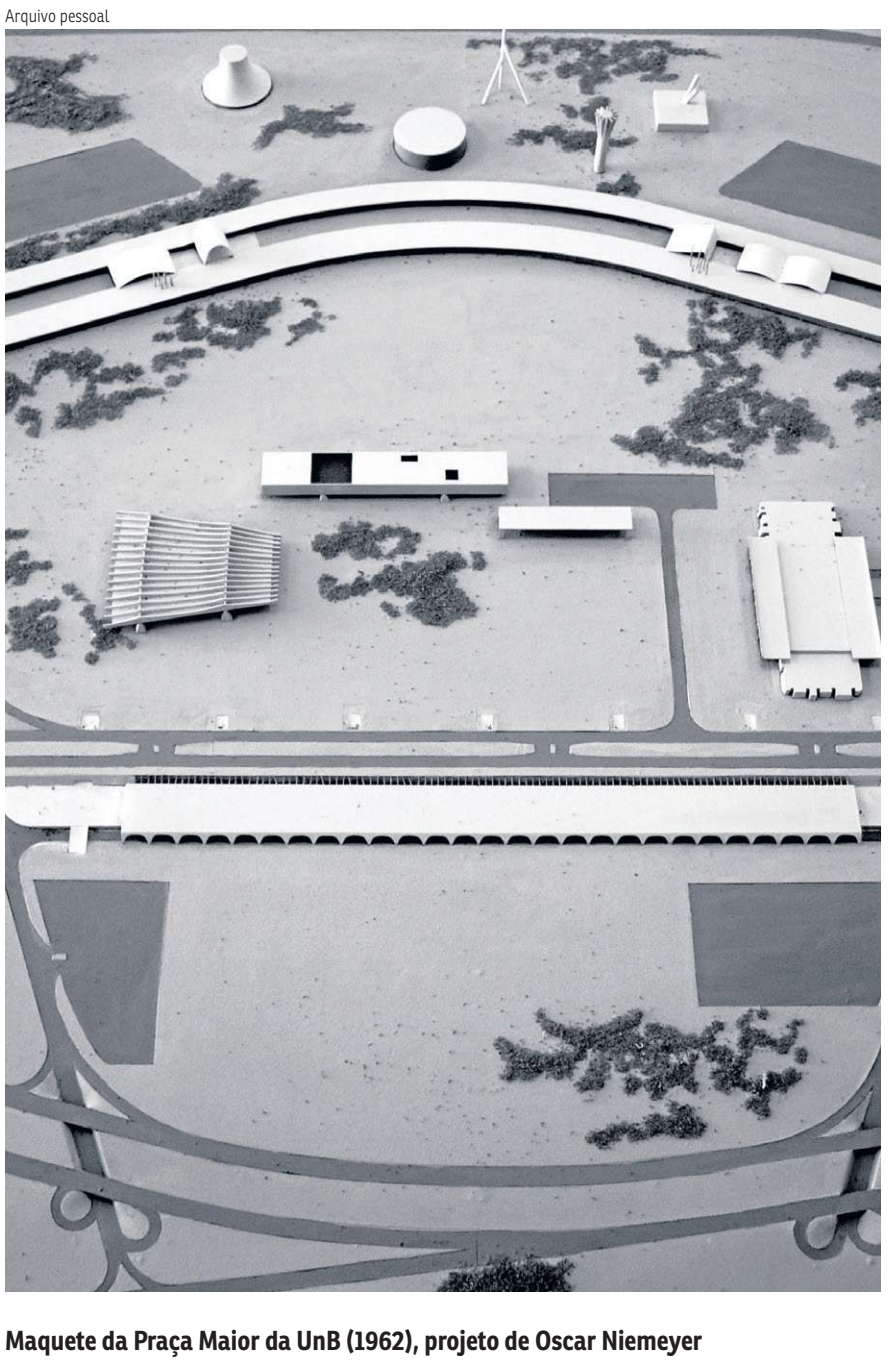
"Ela deve ser concebida não como simples organismo capaz de preencher satisfatoriamente e sem esforço as funções vitais próprias de uma cidade moderna qualquer, não apenas como urbs, mas como civitas, possuidora dos atributos inerentes a uma cidade. E, para tanto, a condição primeira é achar-se o urbanista imbuído de certa dignidade e nobreza de intenção, porquanto dessa atitude fundamental decorrem a ordenação e o senso de conveniência e medida capazes de conferir ao conjunto projetado o desejável caráter monumental. Monumental não no sentido de ostentação, mas no sentido da expressão palpável, por assim dizer, consciente, daquilo que vale e significa. Cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo cidade viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de tornar-se com o tempo, além de centro de governo e administração, num foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do país". Assim, Lucio Costa conceituou Brasília — o projeto urbanístico e arquitetônico modernista único no mundo —, na sua proposta vencedora em 1957. Exemplar, extraordinária e encantadora, ainda que hoje crescentemente desfigurada e, de certo modo, revestida de uma premeditada opacidade que vem apagando a "dignidade e nobreza de intenções" que a inspiraram, Brasília, ao seu modo, tenta e deve resistir.

Urbs pode ser definida como as edificações, a definição espacial, o arruamento, a estrutura física e funcional de uma cidade. A civitas abriga sua vida política e cultural. Seu espírito e dimensão simbólica. O sentimento de pertencimento, da beleza, da estética e da cidadania dos seus habitantes. A pólis grega unificava os dois conceitos: os cidadãos eram a própria cidade. A inteligência, o saber e a filosofia, nesses dois mundos, tinham os seus espaços e distinção. Na Grécia, além da famosa Ágora (o centro cívico onde se dava o debate público, filosófico, político e comercial), havia um conjunto de instituições notáveis: a Stoa Poikile, berço do estoicismo (300 a.C.), de certo modo resgatado no mundo contemporâneo; a Academia, instituída por Platão em 385 a.C.; o Liceu, criado por Aristóteles em 335 a.C.; e os templos de Asclepieia, cujo mais famoso era o da Ilha de Cós, de onde Hipócrates fez da medicina uma verdadeira ciência.

Fundada por Alexandre, o Grande — filho do reino da Macedônia helênica —, Alexandria (332 a.C.), capital do Egito, se tornaria um dos mais famosos centros de produção de conhecimento do mundo antigo. No apogeu da Era Ptolemaica, o Mouseion de Alexandria mantinha a Grande Biblioteca, com suas centenas de milhares de rolos de papiro e pergaminho com textos sobre matemática, literatura, medicina, filosofia, e obras do mundo grego, persa, hebraico e indiano. Havia ainda: salas de leitura e auditório; um jardim botânico e um zoológico; amplos terraços para as observações e anotações dos astrônomos da época; laboratórios e estudos de anatomia e medicina. No Mouseion (daí a origem da palavra museu), havia um templo dedicado às Musas. Era o espaço sagrado da arte, da poesia e da meditação.

Na Roma Clássica, o saber estava no Fórum Romano (centro da vida pública) e nas grandes Termas, como as de Caracala e de Diocleciano. Verdadeiros clubes, as Termas ofereciam ginásios, salas de leitura e conferências. Ali, os intelectuais de então compartilhavam suas inquietações filosóficas, religiosas, as exegeses sobre o direito, as descobertas da botânica e da medicina, por exemplo.

Arquivo pessoal



Maquete da Praça Maior da UnB (1962), projeto de Oscar Niemeyer

Com a longa desagregação do mundo greco-romano, o saber seria preservado na Biblioteca Imperial de Constantinopla, pavorosamente destruída pela Quarta Cruzada em 1204. No distante Oriente Médio, o conhecimento teria preservação na Casa da Sabedoria, em Bagdá. Tão exuberante quanto o Mouseion de Alexandria, foi incendiada em 1258 pelos bárbaros mongóis. Coube aos mosteiros e seus monges copistas a tarefa da preservação do que restou. Nos séculos 11 e 12, foram instituídas as primeiras universidades europeias: Universidade de Bolonha, em 1088; a Universidade de Paris-Sorbonne, entre 1150 e 1200; e a Universidade de Oxford, em 1167. Na primeira década do século 19, Thomas Jefferson idealizou o câmpus universitário ao criar a Universidade do Estado da Virgínia, nos EUA.

As edificações do câmpus da UnB começaram em 1962, logo após a criação do Centro de Estudos e Planejamento Arquitetônico da universidade, sob a coordenação de Oscar Niemeyer, com a consultoria de Lucio Costa e Joaquim Cardoso. Os debates e o projeto educacional, conduzidos por Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, para Brasília, com as interlocuções valorosas da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), da Capes (Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), do CBPE (Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais) e o apoio de uma plêiade de notáveis da época, já estavam, de certo modo, consensuados. A edificação do câmpus da UnB materializaria o lócus da nova civilização brasileira em construção.

No centro e núcleo fundante da UnB, na proposta de Oscar Niemeyer — jamais concluída — destacava-se a Praça Maior, institucional e monumental. O ICC (Instituto Central de Ciências, o famoso Minhocão), contemplando o Lago Paranoá, abraçaria a praça onde seria erguido o coração da universidade: a nossa "Pólis do Saber". Imediatamente abaixo do ICC e da Praça Maior, teríamos o Centro de Recreação e Cultura, no formato de uma grande concha gramada. Propositadamente menor e aconchegante, foi pensado para propiciar o encontro e a convivência.

O Museu da Civilização Brasileira, como um "pórtico de entrada" para a universidade, seria edificado sobre colunas elevadas, cinco metros acima da Praça Maior. A Biblioteca teria 16,2 mil m² e mais de um milhão de livros. Com 7 mil m² e capacidade para 1,5 mil pessoas, a Aula Magna (grande auditório) era um projeto no melhor estilo de Niemeyer: curvas em concreto, cúpula semiesférica e formas geométricas abstratas puras. Por fim, os prédios da Reitoria, da Rádio e da Editora da Universidade. Estava tudo ali: um pouco da Ágora grega, do Fórum e das Termas Romanas e do Museion de Alexandria.

***Jorge Henrique Cartaxo** *é jornalista, mestre em história pela Universidade Paris-Sorbonne*



Apoio: Bernoulli A referência em Enem do Brasil · Correio Braziliense

Promoção: Clube FM 105.5 · TV Brasília